

FRAGMENTOS DE UM JORNAL NUNCA IMPRESSO

MAXIMIANO DUVAL DA SILVA CIRNE; RENATA AZEVEDO REQUIÃO

Universidade Federal de Pelotas – maxcirne2@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Um teclado. Todo dia ele está a minha frente. Parece inerte, mas desse vasto conjunto de teclas brotam inúmeras palavras que, conectadas, formam frases, parágrafos, textos completos. Encontrar as combinações certas é uma responsabilidade e, também, uma brincadeira diária. Um desempenho que não conta apenas como aleatório. Jogo com a produção de sentidos e aprendo uma prática poética.

O bater dos dedos no teclado ocorre de forma incessante. Aperto esses botões sem parar, às vezes até mesmo apenas observando as construções gráficas na tela. Conheço bem esse companheiro dotado de teclas a ponto de não precisar olhar cada movimento proferido em sua superfície.

O digitar é um ofício. Tenho a tarefa de transpor em palavras o que me foi dito em entrevistas. Como jornalista cultural, cumprio a meta de produzir um texto a cada dia de trabalho. Se por um lado é rotina, por outro, é a chance de oferecer um ponto de vista sobre uma produção, capaz de orientar, propor debates e formar opiniões.

Escrever é a minha arte. Conto histórias, lutas e conquistas de projetos individuais e/ou coletivos, tendo a produção cultural de uma cidade como tema. Em conversas com músicos, atores, artistas, cineastas, escritores, bailarinos e muitos outros produtores de Arte e de cultura, lido com um rico material, anotado em páginas e mais páginas preenchidas com respostas, observações e digressões.

No dia-a-dia do jornal, esse conjunto de registros, com notável interesse social, passa por uma triagem no momento de redigir a matéria. Ou seja, trabalhar com texto exige edição, pois nem tudo o que é registrado no bloco do jornalista encontra sua segunda impressão, na publicação jornalística do dia seguinte. Seja por falta de espaço, ou por não condizer com o caráter da pauta, registros de enorme riqueza são desprezados, nesta versão pública.

Essa é uma prática constante no cotidiano de qualquer jornalista. Para mim, esse acervo de guardados se tornou num “reservatório de Arte”. Minha prática profissional é feita de uma quantidade de narrativas que termina por sumir nas pilhas de anotações cotidianas. Algumas delas chegam a ser transcritas para o computador e até mesmo formar parágrafos do texto, mas em uma edição final são deixadas de lado. Comecei, aos poucos, a percebê-las como cenas de um filme que, na última montagem, antes da estreia, acabam excluídas.

Em busca da minha própria voz, individual e autoral, voz criativa e poética, que se expressa verbal e visualmente, proponho-me a explorar os registros de uma sequência desses blocos de anotações que acompanham a minha produção como jornalista. Pretendo encontrar neles, em confronto com as notícias publicadas, os trechos descartados ao escrever as matérias para o jornal. Tais fragmentos são aqui pensados como histórias silenciadas, são fragmentos que por alguma razão deixaram de vir a público. Interesse-me por essas suspensões, pelo jogo de esconde-esconde, pelo que a palavra guarda.

A produção e as questões deste trabalho se deslocam do Campo do Jornalismo e se dão no campo das Poéticas Visuais. Afora se voltarem para aspectos da criação em si, de uma criação que tem como materialidade a palavra que emerge do encontro com o Outro (a entrevista e a escrita), questiona também os modos de vida da sociedade atual. Considero o “bloco de anotação” como constituído do encontro real com o Outro, escondendo do público “notas” que sua acriticidade frente à vida elimina dos jornais. Tal falta de pensamento crítico gera uma imensa zona de conforto tanto para gestores, agentes e produtores do conhecimento, quanto para os próprios cidadãos em sua ignorância velada. Tudo isso faz parte desse jogo. Assim, o jornalismo aparece como campo transversal na discussão.

2. METODOLOGIA

As páginas de “blocos de anotação” são concebidas neste trabalho como rascunhos ou mata-borrões da escrita. Elas foram produzidas por mim, na função de jornalista do Diário Popular, empresa de comunicação da cidade de Pelotas, durante 2015 e 2016. Serão recolhidos, identificados, classificados e comparados os fragmentos escritos não publicados. Rearranjados, tais registros dos “blocos de anotação”, os mesmos serão trabalhados tendo em vista certa Poética do Cotidiano, a qual parte desses “restos do cotidiano não-narrado”. Buscarei também referências em artistas cuja poética se aproprie seja do jornal, como Leila Danziger, seja de outras formas de expressão e materialização da palavra escrita, como Jorge Macchi, Ricardo Basbaum e mesmo dos artistas da Vanguarda com suas colagens.

O recorte de anos se faz dessa forma porque as páginas manuscritas, após a utilização nas matérias, acabavam indo para o fundo das gavetas e, de tempos em tempos, tinham como destino o lixo, uma vez que seu conteúdo supostamente deixava de ter valor. O volume só passou a ser preservado quando comecei a percebê-lo em sua potência poética, no horizonte do campo das Poéticas Visuais, numa possibilidade de, então, resgatar tais nuances narrativas, que acabariam perdidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho de pesquisa poética, em fase de montagem inicial, de levantamento bibliográfico e de identificação e aproximação pessoal da própria poética, pretende lançar luz sobre certa comunicação silenciada pela grande mídia. Em processo de pesquisa, interesse-me por pequenas histórias, fatos curiosos e pela riqueza de detalhes sutis que são menosprezados no fechamento de uma matéria jornalística. Busco no Campo das Artes Visuais, além do encontro com minha poética pessoal, novas abordagens para meu campo de trabalho.

Na contemporaneidade, açodada pelo meio digital, a imprensa reduz cada vez mais o espaço para o texto em papel. De tal forma que as informações apresentam-se de maneira genérica, sendo praticamente as mesmas em qualquer veículo de comunicação. O material que exige maior interpretação e criticidade dos leitores não tem vez perante a nova ordem sistemática. É essa produção de sobras me atrai enquanto pesquisador. Sobras que têm uma potência verbal e visual, gráfica.

Assim, desses restos de textos, textos que são narrativas de vidas, acumulei um material valioso, esquecido entre as pilhas de blocos de anotações. Ao resgatar as histórias abandonadas, aquilo que não foi contado, me deparo com o mistério da comunicação. Pereira (2015, p. 67) acredita que qualquer anotação pode vir a se tornar algo precioso:

Quando registradas, as coisas lidas, ouvidas, e pensadas constituem, portanto, uma espécie de tesouro. Tesouro este que não está guardado em cofre escuro; mas que pode ser revelado enquanto nos detemos nas páginas de um caderno. Assim, trata-se de tesouro que necessita ser visitado e revisitado.

Pereira (2015, p.16) ainda afirma que cada documento de trabalho é composto por diferentes recortes, colagens de tempos distintos, de temas, memórias e desejos. O mesmo pode ser aplicado para o objeto deste trabalho de pesquisa. O “bloco de anotação” guarda recortes de um tempo, de expressão pessoal, do meu registro de um relato contado, ouvido, esquecido.

Interessa-me descobrir a potência dessas histórias, desses fragmentos, valorizando suas nuances expressivas e de conteúdo. Essa predisposição, por um lado, absorve o legado deixado por Andy Warhol, que chamou atenção para as pequenas coisas mezinhas, tudo aquilo que nos passa despercebido, o que desprezamos. Cauquelin (2005, p. 113) comenta sobre o impacto causado pelo artista.

É um objeto qualquer, sem absolutamente nada de sensacional, que será escolhido [por Warhol]. Um objeto que todo mundo conhece. Ele é público. Ligando seu nome ao objeto em série, conhecido de todos, Warhol se torna tão conhecido quanto a imagem que assina. Será o caso da sopa Campbell's, da Coca-Cola, de estrelas e ídolos do público como Marilyn Monroe ou Liz Taylor, ou, melhor ainda, da nota de um dólar.

O “bloco de anotações” é, ele em si, também um objeto comum, muitas vezes desprezado após seu uso. Ainda assim, apresenta um valor estético, tratando-se da materialidade na condição de manuscrito, e, principalmente, guarda um conjunto de informações, narrativas, registros.

Busco, portanto, outras possibilidades de arranjo e de sentido para tal conteúdo suprimido, através de ações artístico-poéticas, integradas pela produção da Arte Contemporânea. Bourriaud (2009, p. 143) me permite confirmar essa escolha, ao dizer que a arte oferece um “direito de asilo” imediato a todas as práticas desviantes, que não encontram lugar em seu leito natural. Minha prática artística é desviante em relação à minha prática jornalística que, entretanto, me permitiu tal acúmulo.

A Arte Contemporânea não é somente a arte do agora, nem a arte considerada “moderna”, como define Cauquelin (2005 p. 11). Vou ao encontro do que Vinhosa (2011, p. 47) acredita, quando diz que a arte, embora constitua uma prática social diferenciada, não está separada da vida, antes a integra ao participar do modo como produzimos nossas realidades.

Nessa direção, este estudo propõe uma análise sobre um “artefato de leitura” da vida cotidiana, como sugere em suas pesquisas minha orientadora, Renata Azevedo Requião, e almeja uma espécie de redenção tanto para esse material esquecido quanto para o jornalista que luta contra um sistema – e sente-se derrotado diariamente. Pelbart (2000, p. 11) destaca o preço que se paga quando o capitalismo impregna a tal ponto a esfera cultural e subjetiva, com consequências que se conhecem sob o nome de pós-modernismo.

A fim de refletir sobre a sociedade contemporânea e seu consumo superficial de informação, cuja produção de subjetividade é determinada pelo Capitalismo Mundial Integrado, termo cunhado por Guattari (2012, p.12) para

salientar que nenhuma produção fica de fora do controle deste sistema econômico, proponho-me a produzir, a partir dos fragmentos, uma obra poética, envolvendo literatura e audiovisual. Valendo-me do desenvolvimento e consolidação da poética pessoal, pretendo devolver ao público certa materialidade, desta vez poético-visual, e não jornalística.

4. CONCLUSÕES

O atual cenário formado por uma população acomodada pode vir a ser reflexo do ritmo frenético imposto pelo século 21, que não possibilita atividades de contemplação e formação, como a leitura tranquila de um jornal. As pessoas são compulsivos “leitores de manchetes”, pressionados a saber sobre tudo, porém, sem que nada seja realmente aprofundado. Nossa subjetividade é moldada por empresas privadas, detentoras de poder e influência na sociedade, sendo capazes de fazer tábula rasa de nossa rotina ordinária.

Frente a situações como essa, Guattari (1992, p. 19) quer tirar a subjetividade de seu domínio reservado para enfrentar as inquietantes margens em que proliferam os arranjos maquínicos e os territórios existenciais em formação. Cabe-nos, segundo Pelbart (2000, p. 12) promover novas formas de subjetividade recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos.

A fim de resistir, Bourriaud (2009, p. 124) acredita que o importante é a nossa capacidade de criar novos arranjos dentro do sistema de equipamentos coletivos, formando ideologias e categorias de pensamento, criação que apresenta várias semelhanças com a atividade artística.

Tendo em vista, a influência maciça dos meios de comunicação, que pouco enfrenta de resistência por parte do público leitor, minha proposta é revelar alguns fragmentos que se constituem como brechas para outras práticas dentro do espaço contemporâneo. Busco na produção da Arte, especificamente nas Poéticas Visuais do Cotidiano, essa possibilidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009. 152 páginas.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. 170 páginas.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2012.

PEREIRA, Marcelo Eugenio Soares. **Acumular tesouros: Um olhar sobre os cadernos de desenho**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2015.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio – Políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

VINHOSA, LUCIANO. **Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questões**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.